

CIBERPAJÉ, UM IRMÃO SIAMÊS DAS ARTES POÉTICAS!

Gazy Andraus¹

Resumo: Este texto traça meu primeiro encontro sincrônico-coincidente com a história em quadrinhos (HQ) poética de Edgar Franco num fanzine, que delineou todo um trajeto irmanado na área dos quadrinhos e fanzines (e também em experimentos sonoros). Narra também a progressão de Franco para além das artes bidimensionais dos desenhos, indo além das HQs poéticas e HQtrônicas, culminando nos HQforismos, e incidindo na arte dos experimentos sonoros e visuais, que se estendeu ao seu projeto *Posthuman Tantra* e na sua ampliação como Ciberpajé, em franco processo de ascensão. Edgar, o Ciberpajé, mostra assim que o artista, conforme Jung expunha, se estende para além de seu ego, para além do homem comum, moldando e transformando a vida humana (e pós-humana).

Palavras-chave: Edgar Franco; Ciberpajé; Histórias em Quadrinhos; Poéticas; arte multimídia

Abstract: This text traces my first coincident-synchronic encounter with Edgar Franco's poetic comic in a fanzine, which delineated an entire journey in the area of comics and fanzines (and also in sound experiments). It also narrates Franco's progression beyond the two-dimensional arts of drawings, going beyond to the poetic and E-Comics, culminating in the Comic-aphorism, and focusing on the art of sound and visual experiments, which extended to his *Posthuman Tantra* project and its extension as Ciberpajé, in a frank process of ascension. Edgar, the Ciberpajé, shows how the artist, as Jung expounds, extends beyond his ego, beyond the common man, shaping and transforming human (and post-human) life.

Keywords: Edgar Franco; Ciberpajé; Comics; Poetics; multimedia art

UMA COINCIDÊNCIA DAS POÉTICAS?

Vou lhes narrar um coincidente encontro fanzinástico², que marcou para sempre as HQbs (Histórias em Quadrinhos brasileiras)! Venho de muitas áreas possíveis... na infância tenra, queria ser paleontólogo pela paixão no design dos dinossauros. Ao mesmo tempo, as estrelas me chamavam, mas sabia que não daria para ser astrônomo (e olhem

¹ Gazy Andraus é Dr. Em Ciências da Comunicação pela ECA-USP e professor designado do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), unidade de Campanha/MG. É também pesquisador e membro do Observatório de HQ (USP) e ASPAS - Associação dos Pesquisadores em Arte Sequencial, além de ser autor HQs e Fanzines de temática fantástico-filosófica. Como pesquisador, participa em diversos livros e trabalha em eventos acadêmicos, coorganizando e apresentando artigos em congressos nacionais e internacionais, como o das Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos da USP, dentre outros. E-mail: yzagandraus@gmail.com; <http://tesegazy.blogspot.com.br/>

² Neologismo momentâneo, aproveitando que “fanzine” também é uma denominação neologista, recriando-o a partir da soma de duas palavras: fanzine+fantástico!

que fiz um curso de um mês no Planetário da UFG enquanto cursava a faculdade de Artes Visuais, em meados de 1980)! Porém, o que me chamava nisso tudo – descobri aos poucos – era simplesmente o ato de desenhar...poder representar todas essas minhas paixões. Assim, o entusiasmo que me tornou mais próximo do que pretendia, foi o dos quadrinhos, singrado a partir dos fanzines: que são publicações amadoras e que no Brasil salvaram os jovens quadrinhistas nas décadas de 1980 e 1990, quando as publicações de HQs no Brasil aos autores nacionais, oficialmente, quase inexistiam. Pois foi naquele fanzinato que eu descobri esse universo possível...que fez existirem os quadrinhistas nacionais por resistência (criativa) e existência resiliente!

Nos fanzines pudemos desenvolver nossas artes. E foi num desses zines em que eu publicava desde 1987, chamado “Barata” (de Santos/SP), no ano de 1993, quando me deparei com uma HQ similar ao padrão poético das minhas HQs que eu desenhava. Ao verificar o nome do autor de determinada história em quadrinhos cujas características eram similares às minhas próprias, naquele zine histórico, curioso, fui averiguar seu endereço. A HQ se intitulava “Progéria Interior” (**fig. 1**), e seu autor, conforme eu constatava no final da revista independente, era Edgar Franco. A surpresa, mesmo, foi me deparar com seu endereço para lhe mandar uma carta (sim, naquela época, não havia e-mails, internet e computadores pessoais, ao menos, no Brasil). Ao constatar que ele informava a cidade de Ituiutaba-MG, surpreendi-me, já que tal coincidência, além de eu também ter nascido naquele município, apontava um estilo de produção de quadrinhos poéticos, similar ao que eu fazia, então ainda desconhecido e raro no Brasil!



Fig. 1: HQ “Progéria Interior” publicada no fanzine “Barata”, nº 17.
Fontes: arquivo pessoal do autor.

Ao travar contato com Edgar, soube que ele cursava Arquitetura na UNB e marcamos um encontro nas férias na cidade natal de ambos, pois à época eu costumava passar um período na casa de tios por lá.

Foi assim que conheci pessoalmente, o agora Ciberpajé. Mas naquela época, eu havia me formado há um ano e meio em Artes pela FAAP/SP e ele estava cursando Arquitetura na UNB (sou 5 anos mais velho que ele). O interessante nesse histórico todo é a “coincidência” junguiana em sermos, eu e Edgar, nascidos na mesma cidade mineira, e sem nunca termos nos encontrado antes, fazermos uma arte de HQs com estilos e temas similares (poético-fantástico-filosóficos), buscando a honestidade e o melhor que o ser humano possa ter para se desenvolver. Tanto que no percurso dos mestrados e doutorados, Edgar sempre me impulsionou a continuar, e sincronicamente caminhamos em paralelo, embora atualmente ele tenha ido além, com seu pós-doutorado, e cada vez mais se tornado um artista *full time*, mesmo no meio acadêmico que costuma engessar a emoção e as artes: nesse quesito, Edgar Franco, o Ciberpajé, tem conseguido se soerguer às vicissitudes e vícios do meio, influenciando estudantes que nele veem um exemplo de honestidade, tão raro em tempos atuais.

O ARTISTA ALÉM DE SEU EGO (e seus zines)

Àquele que se dá a profissão de artista tem uma carga de vida mais preponderante e contundente do que um homem simplesmente comum. É assim que vejo o Ciberpajé e sua arte. Aliás, a questão da arte e da consciência perpassam juntas as ideias humanas. Também são atinentes à ética e moral, bem como o senso de fraternidade que deveria nos pautar, mas que parece ter sido relegado a um canto desmemoriado, em troca dos afazeres profissionais e técnicos que se tornaram o “sistema” algoz que nos mata e sufoca, em detrimento ao humano e sensível! Como advertiu Jung:

O Artista não é uma pessoa dotada de livre arbítrio que persegue seus próprios objetivos, mas alguém que permite à Arte realizar seus propósitos através dele. Como ser humano, ele pode ter humores, desejos e metas próprias, mas como Artista ele é “homem” num sentido mais sublime - ele é um homem coletivo - alguém que carrega e molda a vida psíquica inconsciente da humanidade (Jung, *Apud BELLO*,1998).

Como se percebe, Edgar Franco e sua contraparte ciberpajeana ilustram claramente a explicação do “além-homem-cotidiano” advinda do notório Jung. Pois como se delineará nesse artigo, Edgar Franco, agora chamando a si mesmo como o artista multimídia³ Ciberpajé, é um desses artistas conscientes do poder da informação como materialização



Fig. 2: Capa do número 11 de “Artlectos e Pós-Humanos”.

Fontes: <http://marcadedefantasia.com/revistas/artlectos/artlectos.html>

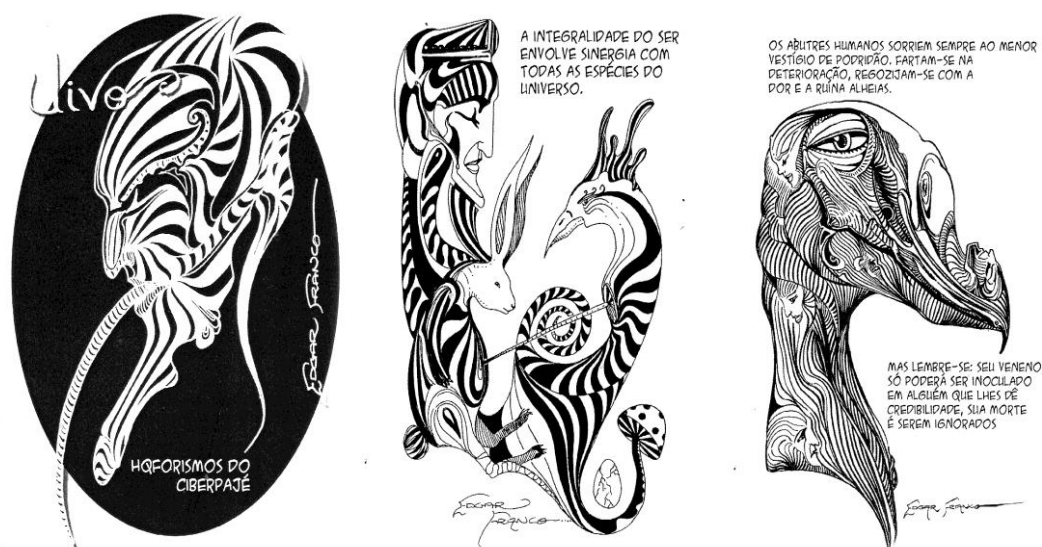
de ideias e afluxos de causas/consequências! Assim, ele não só tem desenvolvido uma obra consistente em diversas áreas, como nas histórias em quadrinhos poéticas, bem como no cenário musical-imagético com seu projeto *Posthuman Tantra*, e envolvendo tudo em pesquisas acadêmicas de vanguarda, como professor-pesquisador com pós-doutorado em artes e tecnologias da UFG. Ao se rebatizar como Ciberpajé quando completou 40 anos, singrou por um caminho cada vez mais sincero e esfuziante nas artes e nas reflexões, abarcando interdisciplinarmente modalidades das artes espargidas e envolvendo diversos profissionais amigos e alunos que aceitam colaborar como cocriadores de sua obra homérica, principalmente com seu projeto multimídia musical, o *Posthuman Tantra*. Suas coligações a outros artistas para produzir obras são também coerentes e plenas, como quando produziu *BioCyberDrama Saga* com Mozart Couto, e mais recentemente seus *HQforismos* com Danielle Barros (que foram assim batizados por Edgar e Danielle).

³ Na verdade, dada a complementaridade dos trabalhos de desenhos e HQs com seus experimentos sonoros/visuais, a arte de Edgar Franco, o Ciberpajé, se estende de multimidiática à transmidiática, embora eu tenha usado o termo multimídia neste texto, que refletia mais o início de sua carreira.

Outra produção rica de Edgar Franco é a série de revistas em quadrinhos “Artlectos e Pós-humanos” (**fig. 2**), que já está no n.º 11, e é editado pela conceituadíssima editora alternativa Marca de Fantasia de Henrique Magalhães. O título da revista é um neologismo contraído das palavras “artificial” e “intelecto”, e vem na esteira do pensar de um universo ficcional-científico acerca das possibilidades que a humanidade está tomando, no que se refere a questões delicadíssimas, mas já em andamento, como a bioengenharia. Na série, Edgar insere HQs e HQforismos com questionamentos críticos, para que o leitor possa, junto a ele, cogitar até onde essas mudanças tecnológicas atuais (que trazem conceitos de pós-humanismo), não seriam prejudiciais além de aparentarem serem uma “salvação” tecnológica. As artes de Edgar em Artlectos, expressam acerca da vontade natural do humano de resgatar a própria natureza no amor e fraternidade, embora embotado pelo delírio de uma tecnologia feroz e auto-geratriz (elaborada pela mente desse mesmo ser humano), em várias HQ curtas *hai-kaizadas* (o *hai-kai* é uma poesia curta, que até mesmo Pablo Neruda arriscou, e que funciona como um *koan*: frase-pergunta enigmática que busca do aluno budista uma resolução “quântica”, não linear e racional, para ampliar a mente do discípulo, trazendo-lhe o *insight*), “Artlectos e Pós-humanos” despeja com mais belicosidade poética os “traumas” que adviriam desta mudança ideo-tecnológica híbrida pela qual a ciência vai propiciando à humanidade (ANDRAUS, 10/09/2007).

Noutros fanzines que Ciberpajé produz, como o zine “Uivo”, por exemplo, Edgar mantém o processo criativo alternado, e revigora os quadrinhos bem como os fanzines, trazendo em suas 8 páginas, 6 HQforismos contundentes, pois enriquecidos pelas imagens que locupletam as frases assombrosas derivadas do espírito guardião da consciência libertária do Ciberpajé! Na capa do “Uivo” (**fig. 3**) se percebe em contrapartida à face em recolhimento, o contraponto e o paradoxo que rodeia todo filósofo e espiritualista: os contrastes se opõem, mas se complementam, como atestam as condições taoístas de yin e yang, e isso é o que Ciberpajé insere nesta arte. Como um filósofo e um espiritualista amalgamado, Edgar/Ciberpajé/Franco, solapa as comerações de controles individuais, alertando que só há uma maneira de controlar outrem: revolucionando-se a si próprio. Num HQforismo ele demonstra a integração do ser homem com os outros seres na redoma universal (**fig. 4**), enquanto que noutro se mais mostra contundente – tanto textual como imagetivamente, com traços e hachuras magnificamente trabalhadas (**fig. 5**):

“Os abutres humanos sorriem sempre ao menor vestígio de podridão. Fartam-se na deterioração, regozijam-se com a dor e a ruína alheias. Mas lembre-se: seu veneno só poderá ser inoculado em alguém que lhes dê credibilidade, sua morte é serem ignorados.”



Figs. 3, 4 e 5: Capa e duas páginas do fanzine “Uivo”.

Ao se apreciar essa arte impressionante deste HQforismo, temos a impressão que ela ribomba em nossas mentes nos lembrando do teor da sociedade e seus egos pequenos e infantilizados. Encontro também relações dos HQforismos do Ciberpajé em várias filosofias espiritualistas, como já relatado aqui, no Taoísmo (que apregoa uma vida humana em consonância à fruição da natureza), mas também em seres que aqui habitaram querendo o melhor ao humano, como o grande filósofo educador brasileiro Huberto Rohden (1984), que defendia um ser humano cocriador que tivesse consciência de si e se tornasse realmente livre (mas num sentido em que se mancomunasse ao cosmo e seu livre arbítrio se coadunasse à natureza universal – bastante similar à visão do Tao) ou o transcendente Osho que, semelhante a Krishnamurti buscava solapar as visões cristalizadas das pessoas que dele esperavam respostas conclusivas ou dogmas para

seguirem, mas que os deixava mais ainda atônitos e aparentemente imersos em labirintos de novas inquirições nunca antes refletidas por suas plateias.

E é com essa arte sincera, e não destituída de significados estéticos e éticos, que o Ciberpajé nos brinda como o artista - homem sublime que é – tal qual explicou Jung, destacando a nós a importância do humano e do sensível, e não a ignomínia que tem se tornado a humanidade relegando ao limbo tais qualidades em troca de um profissionalismo técnico vazio e dogmático. Aqui se atesta a missão de seus trabalhos, que nos atravessam não só os tímpanos, mas a visão e a alma. Ademais, Edgar Franco mantendo sua criação também no fanzinato, faz despontar para aqueles que ainda não conhecem ou relutam em perceber a importância dos fanzines como agentes de agregação cultural (reforçando o significativo título de seu zine “Uivo”), já que além de agregar os lobos, serve para congregar os amantes da liberdade fraterna de disseminação e troca de ideias e artes, pelos fanzines, pois como afirmou contrariamente um grande crítico dos quadrinhos, o psicólogo norte-americano Fredric Wertham, que na época macarthista lançou o livro *Seduction of Innocents*, fadando ao preconceito a maioria das HQs e taxando-as de perigosas à educação dos jovens, concluiu paradoxalmente em seu último livro *The World of Fanzines* (1973), que os fanzines eram construtivos culturais, pois segundo ele, os

fanzines mostram uma combinação de independência que não se encontra facilmente em outras partes da nossa cultura” e acabou concluindo que “eles são válidos e construtivos. A comunicação é o oposto da violência. E toda faceta de comunicação tem um lugar legítimo (CHRISTENSEN; SEIFERT, 1997).

Edgar Franco, o Ciberpajé, ainda que artista multimídia e pesquisador com pós-doutoramento em arte e tecnologias, não desdenha daquilo que outros podem pensar ter uma qualidade inferior por ser “barato” ou feito de papel com utilização de fotocopiagem, o fanzine, pois sabe que no universo não há o mais importante: tanto no macrouniverso como no microuniverso, que formam a vasta teia de singularidades na existência, da qual faz parte a mente humana capaz de perceber e absorver tais magnitudes e belezas.

A ARTE DOS SIAMESES



Figs. 6, 7 e 8: Capa do zine “Irmãos Siameses e páginas de E. Franco (fig. 7) e G. Andraus (fig. 8).
Fontes: arquivo pessoal do autor.

Como eu o

aplicado num catálogo de exposição de fanzines, em Ourense, na Espanha, que anualmente recebia zines do mundo todo (ANDRAUS, 10/09/2007). Isto se deu da seguinte forma: resolvemos criar o fanzine em dupla, chamado “Irmãos Siameses” para mostrar a similaridade de nossas HQs poéticas, quando então fizemos o lançamento no mês de junho de 1994 na Gibiteca de Santos. Ele continha várias histórias nossas: a primeira era dele, e a última minha, sendo que as do miolo se alternavam em roteiros meus com desenhos dele e vice-versa (**Figs. 6, 7 e 8**). A coincidência é que tanto a primeira como a última HQ tinham um enfoque temático e estrutural muito similar: é como se cada um de nós, sem termos conhecimento prévio, tivéssemos realizado uma HQ igual, cada qual com seu estilo.

Isto me chamou tanto a atenção que lhe disse que ambas as histórias tinham que iniciar e finalizar o fanzine. Depois, mandamos uma cópia para o evento realizado anualmente em Ourense, na Espanha galega. Lá, seu organizador, Henrique Torreiro nomeou nosso trabalho de “*fantasia filosófica autêntica*”, de onde acabamos por utilizar tal nomenclatura como o estilo por nós realizado: roteiros curtos, condensados como haikais, e arte vanguardista. E assim, naquela década de 1990, a cada férias, tenha sido no mês de julho, ou de janeiro e fevereiro, encontrávamo-nos em Minas Gerais (eu ficava na

casa de meu tio), e ampliávamos nossos estudos sobre arte, HQ, fanzines, trocando revistas, cartas, pesquisas, músicas etc...foram anos riquíssimos, em que eu e Edgar, e a bela família dele, nos irmanamos cada vez mais.

A ARTE PÓS-HUMANA-TÂNTRICA DE CIBERPAJÉ

Um fato interessante se agregou, naquela fase, a meus desígnios, confluindo em experiências sonoras, graças ao *Essence*, banda experimental e de improviso que Edgar Franco e outros dois amigos realizavam na casa de Dênio Alves (um deles). Tocavam instrumentos tradicionais (violão, guitarra, bateria – inicialmente com panelas -, chocalhos, berrantes etc) e improvisavam. Eu me juntei a eles, e fazia, nalgumas vezes, vozes, e tentava tocar gaita e/ou teclado e chocalhos – todos alternávamos a maioria dos instrumentos. As letras que compúnhamos, vezes em português, vezes em inglês (e uma vez eu a fiz em árabe, repercutiam as filosofias de cada um do grupo: Dênio tinha letras mais empenhadas no universo do rock'n'roll (mas com toques de críticas a tudo), Edgar refletia nas letras os pesos de seus quadrinhos, e eu misturava conceitos surreais e psicodélicos nas minhas letras. Fazíamos tais encontros, em que a improvisação era a tônica do processo de elaboração musical, enquanto gravávamos diretamente em fitas K-7 os atos sonoros criados. Obviamente nunca conseguiríamos repetir cada música, pois os improvisos realmente se assemelhavam aos nossos processos criativos de HQs (meu e de Edgar): intuitivamente desenhávamos ao som de músicas (e eu, inclusive, já estava bem afinado em desenhar diretamente à nanquim). Pois foram esses experimentos sonoros da banda “Essence” que impulsionaram a vanguarda da arte multimídia performática da banda criada por Edgar Franco, a *Posthuman Tantra* (**Fig. 9**)!



. 9 e 10: Capa do CD “Neocortex Plug-in” e o Ciberpajé em performance de sua banda Posthuman Tantra fotografado por G. Andraus.

Fontes: Fig. 9- <http://www.bigorna.net/index.php?secao=artigos&id=1189385026>;
Fig. 10- <http://ciberpaje.blogspot.com.br/2016/12/cobertura-performance-da-banda.html>

O tom “pesado”, fatalista e negro que Edgar passa, algumas vezes em suas HQs desenhadas, HQtrônicas (como *brinGuedoTeCA*) e HQforismos, transparecem claramente nas performances de sua banda *Posthuman Tantra*, equilibrando-se com uma arte vanguardista sonoro-visual, em que ele explora indumentárias trabalhadas (e também para os membros de apoio de sua banda), projeções de imagens e HQtrônicas, bem como realidade aumentada. No cenário das experimentações sonoras seu *Posthuman Tantra* é famoso internacionalmente, tendo seus CDs lançados em gravadoras independentes estrangeiras, como o respeitado selo europeu **Legatus Records**, tendo recebido diversos elogios por revistas e sites especializados mundo afora. Edgar vem trabalhando há anos com softwares de sons, tendo realizado várias incursões nas experimentações musicais. Já foi premiado com sua HQtrônica *Neomaso Prometeu* (animação que foi originada de uma HQ reflexiva editada no fanzinato pelo próprio Edgar, quando ainda fazia mestrado). *Posthuman Tantra* não é de fácil audição. Mas há que se deixar o preconceito de lado e encarar a sonoridade pungente, enigmática e trabalhada, que de certa forma, reflete e se coaduna perfeitamente às questões científicas que têm permeado toda a obra de Edgar. Por exemplo, eu escutei um de seus CDs, o *Neocortex plug-in* (fig. 9), enquanto relia dois números de *Artlectos e Pós-Humanos* e sentia integração autoral total dos dois

trabalhos: as ondas de luz que provêm da arte desenhada/escrita de Edgar são similares ao conteúdo informacional das ondas sonoras que advêm das músicas atmosféricas. numa capacidade criativa original, tornando suas obras em conjunto (HQs, HQforismos, HQtrônicas e shows do *Posthuman Tantra*) equivalentes nas mensagens que passam (ANDRAUS, 10/09/2007). E, claro, com isso tudo, Edgar Franco/Ciberpajé, amplia nossos conceitos artísticos de forma que a escola tradicional ou sistema social cultural mediano algum o faria!

CONSIDERAÇÕES CIBERPAJÉLICAS

A vida traz muitas possibilidades ao ser humano. Se ele as enxerga como acasos, e vive um cotidiano mediano, talvez não tenha a capacidade de perceber a multiplicidade de situações que a vida pode promover, e talvez, justamente por não estar com a mente nesse périplo, o sujeito não consiga criar vivências mais ricas. Pois Edgar Franco, o Ciberpajé, que também tem pós-doutorado em arte e tecnologia, sabe que é o ser humano quem tem a capacidade de delinear a vida (a sua, que conjuntamente às demais, afeta as dos outros). Nesse caso, ele consegue ir além de seu próprio ego, se desvencilha da vida mediana que assola a maioria das pessoas (e que por isso elas não alcancem o estado de arte), e tal qual explanou Carl Gustav Jung, avança o Ciberpajé além de onde alçou seu alter ego Edgar Franco, ambos são um, amalgamados, mas que em uníssono, transportam ao longe, tudo o que conseguem visualizar e produzir juntos. Sabedouro não apenas da espiritualidade, Edgar Franco, também, conhece as bases da física quântica, que expõe a natureza ser dual: matéria e onda, em que as situações criadas e materializadas são realizadas pela vontade do observador, que não só as vê, mas as opera, realizando a alquimia da vida. Ciberpajé, seria assim a transmutação alquímica de Edgar Franco...e ambos, sendo um só! Mas ao mesmo tempo, um que cria, formata, ondula, energiza e transporta do psíquico (e do inconsciente coletivo), para a realidade mundana, com sua arte (e pesquisa), aquilo que auxilia justamente o que é material e tridimensional (e humano), a se transpor e voltar à sua origem divina, quântica e realizadora espiritual. Eis meu amigo, Edgar Franco. Eis meu amigo, Ciberpajé! Longa vida a ele(s) e a nós todos, pois que coabitamos juntos, esse planeta Terra, essa galáxia e esse universo (cujas “coincidências” e sincronismos vão além

do que nosso senso comum percebe)! E, sim, encontrar-nos-emos, sempre, em todo o cosmo, enquanto o franco Ciberpajé continuar realizando aquilo que sabe (e aquilo a que veio): o milagre da criação e da moldagem da vida humana e pós-humana!

REFERÊNCIAS

ANDRAUS, Gazy. Artlectos e Posthuman Tantra: conceitos distintos para um novo futuro à humanidade. **Bigorna**.

10/09/2007. <http://www.bigorna.net/index.php?secao=artigos&id=1189385026>. <Acesso em 10/09/2017>.

ANDRAUS, Gazy. História em quadrinhos, imagética e início da maturidade – XV: da semelhança à criatividade! **IBAC – Instituto Brasileiro de Arte e cultura**.

14/02/2008. <http://www.ibacbr.com.br/?dir=artigos&pag=013&opc=0086> . <Acesso em 10/09/2017>.

BELLO, Susan. **Pintando sua alma-método de desenvolvimento da personalidade criativa**. Brasília: UnB, 1998.

CHRISTENSEN, William; SEIFERT, Mark. Anos Terríveis. **Wizard**, n. 7, p.43, Globo: RJ, fevereiro de 1997.

ROHDEN, Huberto. **Entre dois mundos**. São Paulo: Alvorada, 1984.